

QUESTÃO 01

Em *Sobre a brevidade da vida*, Sêneca parte da opinião comum de que “a vida é breve”, e discorda dela. Para demonstrar sua tese, ele propõe uma reflexão sobre a **ocupação** e o **ócio**:

É muito breve a vida dos ocupados [...] A vida divide-se em três períodos: o que foi, o que é e o que há de ser. Destes, o que vivemos é breve; o que havemos de viver, duvidoso; o que já vivemos, certo. [...] Eis o que escapa aos ocupados, pois eles não têm tempo de reconsiderar o passado e, mesmo se tivessem, ser-lhes-ia desagradável a recordação de uma coisa da qual se arrependem. [...] É próprio de uma mente segura de si e sossegada poder percorrer todas as épocas de sua vida; mas o espírito dos ocupados, tal como se estivesse subjugado, não pode se voltar sobre si mesmo e se examinar. Portanto sua vida se precipita num abismo [...]. É extremamente breve a vida dos que esquecem o passado, negligenciam o presente e receiam o futuro; quando chegam ao termo de suas existências compreendem tardiamente que estiveram ocupados em nada fazer.

Portanto anseiam por uma ocupação qualquer, e todo intervalo de tempo entre duas ocupações lhes é um fardo. [...] A espera de qualquer coisa por que anseiam lhes é penosa, mas aquele instante que lhes é grato corre breve e rápido e torna-se muito mais breve por sua própria culpa, pois passam de um prazer a outro e não podem permanecer fixos num só desejo[...]. Perdem o dia na espera da noite, a noite, de medo da aurora. [...] Em meio a grandes labutas, conseguem o que desejam e ansiosos conservam o que conseguiram; entretanto não têm consciência de que o tempo nunca mais há de voltar. Novas ocupações seguem-se às antigas, a esperança suscita esperança; a ambição, ambição. Não procuram um fim às misérias, mas mudam seu assunto.

Tendo aquele obtido os cargos com que tanto sonhava, deseja abandoná-los e repete incessantemente: “Quando este ano passará?”.

Dentre todos os homens, somente são ociosos os que estão disponíveis para a sabedoria ...

QUESTÃO 02

Leia estes trechos:

TRECHO 1

Considero paradigmas as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, forneceram problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência.

Homens cuja pesquisa está baseada em paradigmas compartilhados estão comprometidos com as mesmas regras e padrões para a prática científica. Esse comprometimento e o consenso aparente que produz são pré-requisitos para a ciência normal, isto é, para a gênese e continuação de uma tradição de pesquisa determinada.

KUHN, T. S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1975. p. 13 e 30.

TRECHO 2

De tempos em tempos, teorias aparentemente sólidas e brilhantes como diamantes são destruídas por outras teorias emergentes, que mostram as falhas da anterior e apontam novos caminhos. A situação é absolutamente natural. Os problemas começam quando uma velha lei da ciência é derrubada e não se sabe o que colocar no lugar.

Pesquisa FAPESP, nov. 2000. p. 38.

A partir das idéias contidas nesses trechos,

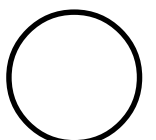
1- **COMENTE** a noção de paradigma neles presente.



Nº de inscrição-dígito									

2- **DÊ dois exemplos** dessa mesma noção retirados da história da ciência.

--



QUESTÃO 03

Leia este trecho:

O homem é, antes de mais nada, um projeto que se vive subjetivamente, em vez de ser um creme, qualquer coisa podre ou uma couve-flor; nada existe anteriormente a este projeto; nada há no céu inteligível, e o homem será antes de mais o que tiver projetado ser. Não o que ele quiser ser. Porque o que entendemos vulgarmente por querer é uma decisão consciente e que, para a maior parte de nós, é posterior àquilo que ele próprio se fez. Posso querer aderir a um partido, escrever um livro, casar-me; tudo isso não é mais do que a manifestação duma escolha mais original, mais espontânea do que o que se chama de vontade. Mas se verdadeiramente a existência precede a essência, o homem é responsável por aquilo que é.

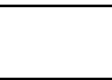
Se, com efeito, a existência precede a essência, não será nunca possível referir uma explicação a uma natureza dada e imutável; por outras palavras, não há determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade.

...o homem, sem qualquer apoio e sem qualquer auxílio, está condenado a cada instante a inventar o homem.

SARTRE, Jean Paul. *O existencialismo é um humanismo*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 6, 9 e 10.

Com base na leitura desse trecho e em outros conhecimentos presentes nessa obra de Sartre,

1. **EXPLIQUE** com as suas próprias palavras o que o autor quer dizer ao afirmar que a existência “a existência precede a essência.



QUESTÃO 04

Leia estes trechos:

TRECHO 1

Não tento, Senhor, penetrar na tua profundidade, porque de modo algum comparo a ela minha inteligência, mas desejo, ao menos, compreender tua verdade, em que meu coração crê e ama. Com efeito, não procuro compreender para crer, mas creio para compreender.

SANTO ANSELMO. *Proslógion*, cap. I.

TRECHO 2

Há, com efeito, duas ordens de verdades que afirmamos de Deus. Algumas são verdades referentes a Deus e que excedem toda capacidade da razão humana, como, por exemplo, Deus ser trino e uno. Outras são aquelas as quais a razão pode admitir, como, por exemplo, Deus ser, Deus ser uno, e outras semelhantes. Estas os filósofos, conduzidos pela luz da razão natural, provaram, por via demonstrativa, poderem ser realmente atribuídas a Deus.

.....
Embora a supracitada verdade da fé cristã exceda a capacidade da razão humana, os princípios que a razão têm postos em si pela natureza não podem ser contrários àquela verdade.

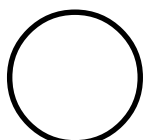
SANTO TOMÁS DE AQUINO. *Suma contra os gentios* L. I, c. III, 2 e L. I, c. VII, 1. Porto Alegre: Sulina, 1990.

A partir das idéias contidas nesses trechos,

1. **IDENTIFIQUE** as duas formas de conhecimento neles referidas.

- A. _____
- B. _____

2. **EXPLIQUE** que tipo de relação os autores medievais citados estabelecem entre essas duas formas de conhecimento.



QUESTÃO 06

Leia esta afirmação:

“Os homens normais não sabem que tudo é possível.”

David Rousset, citado por Arendt, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 337.

Observe esta fotografia:



REDIJA um texto estabelecendo uma correlação entre a fotografia e a citação.

Nº de inscrição-dígito									

